

COLORISMO E EMBRANQUECIMENTO NA REDE: O RACISMO E A TENTATIVA HISTÓRICA DE APAGAR A ANCESTRALIDADE AFRICANA

Jéssica Thoaldo da Cruz¹

Patricia Martins²

O presente trabalho retrata as mazelas presentes na história do Brasil e seu passado marcado pela escravidão e pelo processo de embranquecimento pós-abolicionista. Em decorrência a abolição tardia no país, a elite intelectual preocupa-se em construir uma identidade nacional para o mesmo, considerando agora cidadãos negros e indígenas. Suas propostas e concepções nada incluíam esses grupos, já que tentavam através da ciência descobrir formas para expurgá-los ou embranquece-los, por meio de métodos eugenistas. Tal processo desumano ainda faz-se presente na contemporaneidade, a história e cultura afro-brasileira vem sendo dizimada e apagada da história oficial, bem como as práticas de embranquecimento que vem aniquilando a ancestralidade africana e a auto identificação, valorizando a superioridade caucasóide em detrimento de qualquer traço negróide. Desse modo, discussões sobre o racismo, colorismo, miscigenação e estética negra, vêm sendo apropriadas por influenciadoras digitais como um ato político de pertencimento étnico. As vlogueiras, como são intituladas, estão ocupando um espaço importante na Era da Informação, propiciando discussões de pautas historicamente ignoradas, bem com enaltecendo a identidade negra, combatendo assim o processo de embranquecimento. Nesse sentido, a pesquisa apresenta uma análise do conteúdo, visual e dos comentários de internautas sobre as temáticas que envolvem a discussão sobre o embranquecimento e colorismo, abordadas por cinco vlogueiras em seus respectivos vídeos disponibilizados no Youtube, uma plataforma digital mundial, discussões estas veladas pela sociedade que ainda defende a falaciosa democracia racial no Brasil.

Palavras-chave: Miscigenação, Colorismo, Embranquecimento, Identidade.

INTRODUÇÃO

No século XIV, a vinda de várias etnias africanas traficadas para servir como mão de obra escrava no Brasil, resulta em um Brasil escravagista. A relação entre etnias/raças hierarquizadas acarreta na inferiorização de indígenas e negros. Tal distinção baseou-se por anos em uma perspectiva científica e biológica valendo-se de um discurso racista a fim de atestar essa inferioridade e legitimar a superioridade ariana.

¹ Graduanda em Ciências Sociais do Instituto Federal do Paraná – Paranaguá. E-mail: jessica.cruz@ifpr.edu.br

² Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do Instituto Federal do Paraná. E-mail: patricia.martins@ifpr.edu.br

Em meio a esse contexto histórico, as relações entre os escravos e os senhores acabam por gerar diversos fenômenos, entre eles a miscigenação. Tal fenômeno desperta grande interesse da elite intelectual do país, gerando as teorias racistas que tinham por objetivo explicar cientificamente a inferiorização da raça/etnia negra e indígena e tratar desse novo fenômeno que assolava a nação, como narra Schwarcz (1993).

Com a abolição da escravidão no Brasil em 1888, a elite intelectual brasileira preocupa-se com a construção da identidade nacional do país, porém depara-se com os frutos do cruzamento das raças tidas por teóricos racistas como superiores e inferiores. De acordo com Munanga (1999), ao perceberem que negros e mestiços/mulatos fariam parte da população brasileira, a elite do país recorre aos métodos eugenistas a fim de garantir o embranquecimento da nação brasileira, método que não consegue sustentação, sendo fadado ao fracasso.

Desse modo, no decorrer das várias tentativas, tais medidas não conseguem embranquecer a nação fisicamente, muda-se então a estratégia, que agora parte para mecanismos psicológicos e simbólicos, que perpassam pela constante opressão estrutural presente nos meios sociais e em suas relações, tendendo a incumbir na sociedade brasileira, bem como no inconsciente de mestiços e negros o ideal branco, que acaba por dificultar na busca da identidade e na valorização de suas raízes.

A dificuldade na organização e mobilização de negros e negras, se da, segundo o autor, na negação da identificação coletiva, calcada na estratégia da elite branca em separar negros e mestiços, alienando o processo de identificação de ambos ao utilizar-se do método eugenista a fim de tentar embranquecer e segregar esse grupo. Dessa forma, o colorismo ou pigmentocracia se faz presente no processo de embranquecimento e segregação dos negros e negras, fomentando o branqueamento e a negação da identidade baseada na negritude.

Desse modo, o artigo trata da questão do colorismo, do embranquecimento e identidade analisando as mídias audiovisuais de vlogueiras negras, a fim de analisar tanto os discursos, como o processo que as novas mídias proporcionam na construção de conteúdos pouco abordados nas grandes mídias, tendo como protagonistas mulheres negras, fomentando o empoderamento do feminismo negro nesses espaços, bem como a discussão de temáticas apropriadas por elas como símbolo de resistência e de pertencimento.

METODOLOGIA

Enquanto um trabalho que propõe discutir o colorismo e o processo de embranquecimento com base no ciberespaço, analisando a interação de atores sociais em uma atmosfera que traz novas formas para se pensar a pesquisa, se faz necessário adotar uma metodologia que ainda gera discussões complexas sobre sua forma de uso e sua adaptação com metodologias mais tradicionais. Segundo Polivanov, (2011) as primeiras obras etnográficas no espaço virtual foram conduzidas pelo pesquisador Michael Rosenberg em 1992, portanto se trata de uma discussão ainda muito recente.

De acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (*apud* Polivanov, 2011) a etnografia pode ser compreendida de duas formas: enquanto um método, bem como o resultado de uma pesquisa. O intuito é a criação de descrições mais densas das práticas sociais de atores sociais e redes em sua coletividade, garantindo análises de diversos aspectos culturais ali presentes. Assim Polivanov (2011), adverte que o propósito do etnógrafo vai para além de simples descrições corridas sobre determinadas atividades e eventos. Necessita, sobretudo da uma explicação que contemple as teias de significados de diversos grupos que vão tecendo, construindo e reconstruindo sua existência e práticas sociais.

Avaliando a obra *Life on the Screen: identity in the age of the Internet* de Sherry Turkle (1995), Mitsuiishi (*apud* Polivanov, 2011) compreende que a análise se estende na apropriação das novas tecnologias, gerando novos sentidos ao seu uso. Deste modo, na Era da Informação, Turkle (*apud* Polivanov, p.63, 2011) destaca as modificações entre as fronteiras do real e o virtual, trazendo assim mudanças significativas no modo da criação e experimentação da identidade humana.

Já Cristine Hine (*apud* Polivanov, p.63, 2011), uma das primeiras pesquisadoras das comunidades virtuais, publica em 2000 a obra *Virtual Ethnography*, apropriando-se do termo "etnografia virtual". De acordo com a autora, há duas perspectivas diferentes sobre a internet: entendida como cultura e artefato cultural. A primeira trata da distinção entre o espaço online e o off-line, criando um distanciamento entre ambas. Assim, a internet representaria um espaço onde a cultura é construída e reconstruída. Já a segunda, a qual avalio mais próxima da minha pesquisa, está a compreensão da internet enquanto um produto da cultura. Esta visão possibilita entender a rede como elemento da cultura e não a parte, integrando assim o online do off-line. Nesse sentido "... coloca-se a ênfase nos diversos usos e apropriações que os atores sociais fazem da internet,

entendendo-a como um artefato com significados culturais diversos." (Polivanov, p. 63, 2011). Arelado a essa perspectiva, surge pelo coletivo Mediaciones da Universitat Oberta de Catalunya, uma terceira proposta que avalia a internet como tecnologia midiática indutora de práticas sociais.

Portanto a articulação das vlogueiras analisadas no trabalho se dá dentro e fora do espaço virtual, visto que as mesmas carregam suas vivências e experiências, as retratando no espaço virtual e constantemente expandindo a delimitação do espaço, através, por exemplo, de encontros pessoais com suas leitoras. Porém, analisando os comentários presentes, é visível o quanto tais discussões propiciadas no espaço online, modificam o off-line das/dos inscritos dos canais, como por exemplo, a presença de diversos relatos de inscritos sobre como a discussão sobre a estética negra influenciou na sua decisão de realizar a transição capilar, através não só da valorização da estética negra, como também por meio de dicas e tutoriais de como cuidar de seus cabelos. Ou seja, é perceptível que suas atuações aproximam-se constantemente do online e off-line, gerando produtos dessas interações em diversos âmbitos.

Desse modo, tem-se a preocupação não somente com a dimensão simbólica, mas também material. Evans (*apud* Polivanov, p.63, 2011) salienta que a conexão da internet e as práticas de seus usuários faz parte da própria etnografia. Nesse sentido, enquanto a etnografia apresenta-se como método e como um produto, a internet também assume um modo de dirigir interações sociais, bem como se apresenta enquanto produtos dessas interações. Assim, a dinâmica presente no ciberespaço refere-se a maneira de como são realizadas as interações entre os atores sociais, bem como pelos resultados de tais interações.

Parto para a discussão da presença e atuação do pesquisador neste campo metodológico. O primeiro perfil é denominado *lurker*, este pode ser entendido por alguns autores como o pesquisador que apenas observa e não participa, extinguindo uma relação mais próxima com seu objeto de pesquisa. O mesmo tem por objetivo apenas observar e não criar qualquer relação com seu objeto. Porém Braga (*apud* Polivanov, p.64, 2011), opõe-se a esta característica, afirmando que toda observação é participante, sendo esta característica a principal do método etnográfico.

Já o segundo perfil de pesquisador, segundo Polivanov (2011), é denominado como o *insider*, este assume maior proximidade de seu objeto de pesquisa, garantindo ligações próximas como o mesmo. Vale destacar o conceito utilizado por Kozinets (*apud* Polivanov, p.64, 2011) a "autonetnografia", que se apresenta como uma

ferramenta que garante múltiplos papéis para o pesquisador, evidenciando sua subjetividade e sensibilidade ao tempo em que se constitui enquanto um fator de interferência para com seu objetivo de estudo. Segundo Amaral (*apud* Polivanov, p.64, 2011), tal ferramenta possibilita maior "... imersão, internalização, consciência de alteridade e engajamento [do pesquisador] nas comunidades". Dessa forma, enquanto mulher negra de tonalidade mais clara e inscrita em canais de diversas vlogueiras que retratam tais discussões, percebo maior proximidade com o segundo perfil. Porém, nesta etapa não buscamos contato com os atores sociais envolvidos em nossas análises, realizamos uma observação direcionada por um viés próximo a ferramenta da "autonetnografia".

Há de acordo com Morton (*apud* Polivanov, p.64, 2011), duas possíveis conduções etnográficas na internet: o distante e o envolvido. O primeiro diz respeito ao pesquisador que não fará contato com seu objeto de estudo, mas que realizará sua observação no ambiente online. Os dados coletados por esse modo de pesquisa se faz por textos, imagens e vídeos, sem a interferência no ambiente pesquisado. Já o segundo, o pesquisador se faz presente nesse ambiente, garantindo maior envolvimento entre o pesquisador e os atores sociais.

Como dito a priori, há diversos termos que ainda estão sendo discutidos pela academia, que por vezes são diferenciados apenas como sinônimos, outrora como conceitos completamente diferentes. Entre os termos mais utilizados estão: etnografia virtual, netnografia, webnografia e ciberantropologia. Diversos autores defendem a utilização do termo etnografia virtual, com o intento de diferenciá-las. Ainda que esse novo método tenha bases sólidas na etnografia tradicional, compreendem o mesmo como um método que não pode ser apenas transportado do modo off-line para o online. Haja visto suas especificidades próprias ao se tratar de um novo espaço de pesquisa. De acordo com Polivanov, a etnografia digital é:

Explorar e expandir as possibilidades da etnografia virtual através do constante uso das redes digitais, postando o material coletado. Outro objetivo é a criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo, mas atinja também um público extra-acadêmico. (Polivanov, p. 65, 2011)

Desse modo, adotamos a etnografia digital como uma ferramenta para as análises audiovisuais, atreladas a bibliografia que sustenta e garante maior articulação com os materiais fornecidos pelas cinco vlogueiras, que foram escolhidas por serem

mulheres negras, que possuem histórias de vidas diferentes, mas que em certos pontos se tornam grandes vozes para discussões de temáticas invisibilizadas pelas mídias convencionais.

A escolha dos vídeos ocorreu pela procura de duas palavras chaves: colorismo e embranquecimento, levando aos vídeos que posteriormente separamos e escolhemos para analisar. Assim, ao decorrer do texto articularemos a bibliografia com os recortes das falas das vlogueiras, trazendo em conjunto *prints* dos vídeos que propiciam maior aproximação do leitor com as vlogueiras, possibilitando também melhor compreensão da apropriação que essas mulheres realizam ao destacar em seus corpos e no ambiente onde filmam a estética negra que fora historicamente retiradas e inferiorizadas por um padrão eurocêntrico.

A MISCIGENAÇÃO É FRUTO DO ESTUPRO

De acordo com Munanga (1999), a mestiçagem não pode ser apenas entendida como um fenômeno biológico, pois traduz o cruzamento de genes de populações originárias diferentes, que carregam valores e símbolos socialmente difundidos e hierarquizados. No início da miscigenação que se dá no Brasil colonial, há o cruzamento de brancos e índios, bem como brancos e negros e negros e índios. Porém iremos nos ater ao cruzamento de raças tidas como inferiores e superiores. Com o intento de analisar a nomenclatura bem como a diferenciação entre o mestiço e o mulato Littré (*apud* Munanga, 1999), nós trás essa diferenciação.

Segundo o autor, o termo mestiço é designado ao fruto da relação sexual entre um branco e uma índia ou entre um índio e uma branca. Já a terminologia mulato é destinado ao fruto das relações sexuais entre uma negra e um branco ou entre um negro e uma branca. Tais cruzamentos, posteriormente serão hierarquizados, essa hierarquização pode ser atestada na obra “Os Sertões” (1902) de Euclides da Cunha, onde o mameluco (mestiço) é apreciado em detrimento do mulato que é essencialmente inferiorizado e rechaçado.

O começo do processo da mestiçagem deriva do abuso sexual contra as mulheres negras e indígenas. Munanga (1999) explica esse fenômeno afirmando que as fundações das colônias detinham certo desequilíbrio causado pelo número escasso de mulheres brancas nesses espaços. Para remediar esses dados, houve inúmeras tentativas das autoridades da época de trazer mais mulheres brancas, a fim de aumentar esse número e

assim equilibrar o processo de reprodução. Porém, tais tentativas não foram suficientes para garantir esse equilíbrio. De acordo com o autor, os colonos continuavam a violentar as mulheres negras e indígenas para satisfazer suas necessidades sexuais. Diferentemente de Gilberto Freyre em sua obra *Casa Grande e Senzala* (1933), Munanga avalia:

Se os brancos não hesitaram em manter relações sexuais com as mulheres negras, índias e mestiças, isso não significa em absoluto que aceitaram os princípios de igualdade racial. Visto dentro desse contexto colonial, a mestiçagem deveria ser encarada primeiramente não como um sinal de integração e de harmonia social, mas sim como dupla opressão racial e sexual, e o mulato como símbolo eloquente da exploração sexual da mulher escravizada pelo senhor branco. Embora o casamento com uma mulher de outra “raça” possa ser interpretado como símbolo de uma grande tolerância, é preciso dizer que os casamentos desse tipo foram muito raros. (MUNANGA, p. 29, 1999)

Tal afirmação é ilustrada pelo autor por meio da descrição do código negro de 1685³ e de sua impotência perante a relação entre os senhores e as escravas. A questão de gênero serve muito bem para exemplificar a dominação do corpo da mulher, porém o corpo da mulher negra é visivelmente mais desvalorizado, já que torna-se apenas um passeio para os desejos dos homens brancos, sem gerar nenhuma relação afetiva que perdurasse no desejo de firmar laços sociais mais sérios, como o casamento.

A vlogueira Sá Ollebar⁴, em seu vídeo intitulado “Negro ou pardo? Identificação Racial” compreende que “(...) a miscigenação é originária de estupros de mulheres negras e indígenas. O homem branco destruiu todas as nossas tentativas de resgatar nossas origens, precisamos reconstruí-la, saber quem somos de onde viemos e para onde vamos nesse sistema racista”.

Sobre a miscigenação e sua origem, Freyre (1933) também aponta a falta de mulheres brancas nos séculos XVI e XVII no Brasil colonial, como motivo para o envolvimento sexual dos senhores com suas escravas. De acordo com o mesmo, tal

³ Esse código apresenta-se como parte dos projetos jurídicos das ilhas francesas, baseando-se no direito romano, sem valer-se da distinção racial entre brancos e não-brancos, que compreendia a diferença entre os que nasceram em liberdade dos que ascenderam para a liberdade. Esse código concedia a permissão legal ao mestre de se casar com sua escrava, contanto que tanto ela quanto seus filhos fossem alforriados, ou seja, que estes ascendessem à liberdade. Essa medida fora tomada com o intuito de cessar a exploração sexual dos senhores brancos com suas escravas, já que oportunizava a possibilidade legal de assumir sua escrava e seus filhos, garantindo-lhes a concessão da alforria. Tal medida assumia um caráter punitivo, pois criminalizava a concubinação, gerando multas ao colono que continuasse com essa prática. No entanto, não se obteve bons resultados, pois os colonos ainda abusavam de suas escravas e a eles não era aplicada nenhuma multa. Ver Munanga (1999)

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fkOh4ZvAnIU>, Acesso: 28/03/2017.

envolvimento fomentou um sentimento de confraternização para ambos, pois para o autor essa aproximação, se dava pela característica dos homens portugueses, que eram flexíveis em aceitar relações sexuais com mulheres negras. Como resultado dessa relação, romantizada pelo autor, surge a miscigenação, representando para ele, uma aproximação da casa-grande senzala.

Entretanto a miscigenação é fruto de violências sexuais, as relações de poder envolvidas caracterizavam o que Freyre se negou a ver, a dominação do corpo da mulher negra como um objeto sexual destinado a prover prazeres. Diferentemente do corpo santificado das mulheres brancas, o corpo das mulheres negras eram passeios para caprichos sexuais, relações abusivas que resultavam no cruzamento de genes de raças antagônicas, e geravam assim a miscigenação.

As mulheres negras, não apenas nesse contexto histórico, mas em nossa contemporaneidade, tem seu envolvimento com homens brancos, em suma, pela objetificação de seus corpos. Como dito na frase popular presente no imaginário social “branca é para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar”. Esta frase ilustra muito bem a questão do colorismo e sua atuação nas relações sociais. De acordo com a vlogueira Náataly Neri⁵ em seu vídeo “Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra”, os três mitos da mulher negra trás consigo uma perspectiva sobre o colorismo.

Segundo Neri, o primeiro mito é sobre a mulher negra visualizada por um ideal de “barraqueira”, esta remete a imagem de uma mulher que apresenta uma situação psicológica forte e aguenta apanhar, aguenta a fome, aguenta tudo, como também apresenta um corpo forte. Já o segundo mito, de acordo com a vlogueira, trás a imagem da ama de leite ou como ela mesma intitula, o mito da tia Anastácia, que faz referência à mulher negra mais velha, que cozinha, limpa, cuida da casa, que é subserviente. Por fim, o terceiro mito é sobre a “mulata exportação”, a mulher sensual, ferosa, que serve para satisfazer desejos sexuais, mas não serve para casar, aquela, segundo a vlogueira, para “gringo ver”, pra exportar. Segundo Neri, os dois primeiros mitos, o da mulher negra “barraqueira” e a “tia Anastácia” estão vinculados com a imagem da mulher negra retinta.

Sobre as diferenças presentes entre esses três mitos, a vlogueira explica: “(...) quando você pensa em uma mulher assim, nesse ideal de mulher barraqueira, nesse ideal de “tia Anastácia” de cozinheira, você pensa em uma mulher retinta, você pensa

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DGGaLz_NYDo . Acesso: 28/03/2017

na mulher que não tem acesso, você pensa na mulher pobre. Quando você pensa já, no mito criado para a mulata exportação, é a mulher negra de pele clara, é a mulher negra magra, é a mulher negra mais embranquecida possível. Mas isso não quer dizer que a mulata exportação, ao contrário da “tia Anastácia” e do ideal da barraqueira, não sofre racismo. Então é muito importante, para nós negros de pele mais clara, que a gente tenha consciência do que é o colorismo, não só para a gente saber os privilégios que a gente tem, mas como a gente não pode fazer uso deles.”

Desse modo, a classificação no ditado popular supracitada, designa os papéis sociais destinados às mulheres. A mulher branca, com seu corpo santificado é lida como a mulher para casar, diferente da mulata exportação, a mulher negra de tonalidade mais clara, que é lida como a mulher para saciar os desejos sexuais dos homens brancos e apenas para isso, e por fim, a mulher negra que serve somente para trabalhar e assim tem seus diversos direitos negados, resultando em sua solidão e abandono.

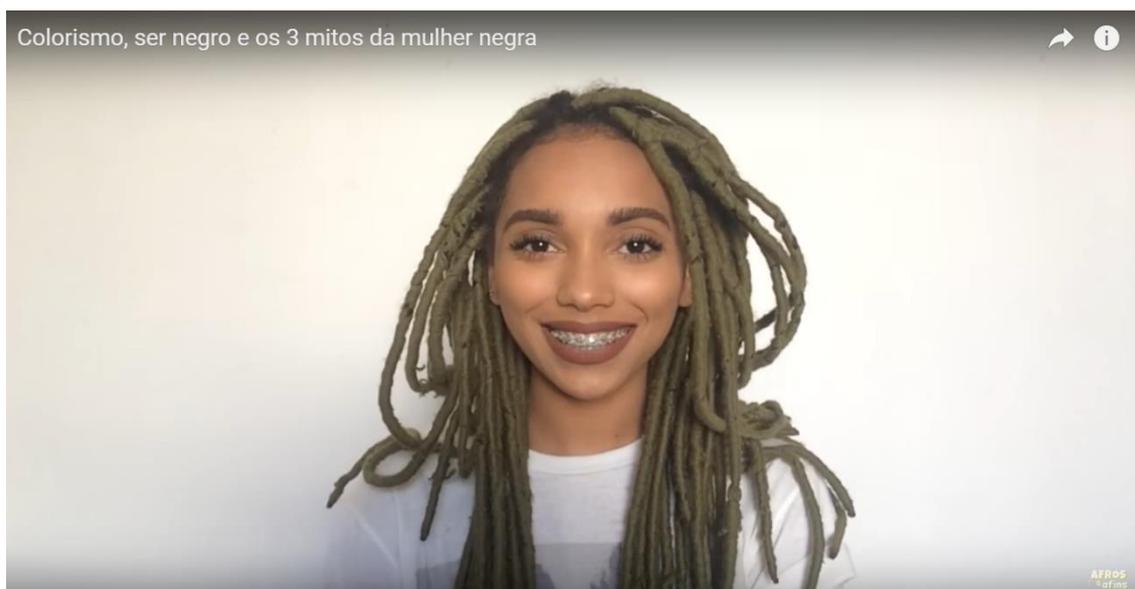


Imagem 1 - Nátaly Neri, mulher negra, feminista e vlogueira. Responsável pelo canal “Afros e Afins.”

O PENSAMENTO BRASILEIRO SOBRE A MISCIGENAÇÃO E SEUS ELEMENTOS PRESENTES NA CONTEMPORANEIDADE

De acordo com Munanga (1999), a elite brasileira buscou na ciência ocidental respostas para compreender a diversidade racial presente no país, porém o autor adverte que nesse processo, a mesma conseguiu formular propostas originais para entender tal

configuração. Em 1888⁶, o sentimento da construção de uma identidade nacional é aflorado, e instiga a preocupação da elite intelectual em pensar os ex-escravos negros como um novo grupo de cidadãos. Entre as diversas teorias racistas apresentadas por Schwarcz (1993), em conjunto com o racismo estrutural presente no etnocentrismo europeu, que legitimou a escravidão dessas etnias africanas, desponta na indisposição ariana em construir a identidade nacional do país, com um grupo étnico inferiorizado e demozinado. Segundo o autor, a maioria dos intelectuais brasileiros embasaram-se na lógica biologista, com o intento de legitimar suas teorias que inferiorizavam as raças não brancas, principalmente a negra e os mulatos/mestiços.

Nesse contexto, a miscigenação torna-se uma questão altamente discutida pela elite intelectual brasileira, em razão da preocupação com a formação étnica do país. Entre vários teóricos, destaca-se Silvio Romero (*apud* Munanga, 1999), que compreende a miscigenação como um estágio transitório, que posteriormente iria resultar em uma nação predominantemente branca. Analisava que o processo de miscigenação formaria uma raça específica e original, que evidenciaria os traços biológicos e culturais dos brancos em detrimento dos elementos não brancos, gerando uma sociedade homogênea com característica racial nacional única. Tal afirmação embasava-se em uma lógica biologista, muito presente nesse período histórico, porém a mesma não fora sustentada, já que biologicamente os genes de negros e indígenas se sobrepõem aos genes dos brancos, originando mestiços que evidenciam maiores traços negroides e indígenas.

Discordando dessa teoria, Nina Rodrigues (*apud* Munanga, 1999) entendia que a mescla entre a raça superior com as raças inferiores (negra e indígena), tidas como um atraso à civilização, resultaria em desequilíbrios e perturbações psíquicas aos frutos desse cruzamento. Assim, defendia a diferenciação dessas raças também sob a responsabilidade penal, abrindo exceções para os mestiços “excepcionais”⁷. Ao analisar o posicionamento de Rodrigues, Munanga explica:

As características raciais inatas afetam o comportamento social e deveriam, por isso, ser levadas em conta pelos legisladores e autoridades policiais.

⁶ Em 1888, o Brasil é um dos últimos países a assinar a Lei Áurea e assim extingui o sistema escravagista, em suma pela pressão externa diante da renovação do sistema mundial, com a vinda da Revolução Industrial.

⁷ Nina Rodrigues (*apud* Munanga, 1999), classificou-os em três grupos: o mestiço tipo superior, que era avaliado como responsável; o mestiço entendido como degenerado e irresponsável e o mestiço instável, que se igualava ao negro e ao índio. Ao último poderia ser imposta maior responsabilidade penal.

Consequentemente, aos negros e índios deveria ser atribuída uma responsabilidade penal atenuada e aplicado um código penal diferente daquele da raça branca superior. (MUNANGA, p.56, 1999)

A vlogueira Joyce Show⁸ em seu vídeo intitulado “Juventude Negra - Desespero” relata um episódio na qual é assaltada por dois homens negros. Entendendo essa situação como resultado de um sistema que marginaliza e exclui esse grupo da sociedade, a mesma relata que quando comentou sobre o episódio em uma mídia social, teve a seguinte interação de uma amiga. *“Eu contanto pra ela da situação, ela pegou e falou assim: nossa Jo, quando acontece uma situação dessa da vontade da gente chegar nos caras e falar assim tipo, meu parça calma! Ta tudo numa boa, vamos desconstruir, você precisa desconstruir, eu sou negona, você é negão, a gente precisa desconstruir tudo isso.’ Ai eu falei assim: Miga, mas quem te disse, em nenhum momento do post que eu fiz do facebook ou da nossa conversa até agora, eu não disse pra você se eles eram negros ou se eles brancos. (pausa) Ah não Joyce, mas você entendeu o que eu quis dizer, né?. Não, eu não entendi o que você quis dizer. Sabe o por que? A gente ta cansada de ter que ficar ouvindo essas historinhas, essas ladainhas. Por que sempre o negro tem que ser o estereótipo do ladrão? Eu não disse isso pra ela, ela mesma disse isso pra mim. E eu queria fazer esse vídeo pra você que ta ai do outro lado, somos a maioria da população, mais de 53% da população e que essa situação que eu estou hoje, de estar me formando em radio e TV e não saber como vai ser meu futuro, o que vai ser da minha vida, eu não sou a única pessoa eu passa por isso, tem várias mulheres, vários homens passando por isso, vários adolescentes terminando o ensino médio, sem saber por onde ir, sem saber o que fazer. Então isso é um problema, que nós precisamos de ações afirmativas, nós precisamos de políticas públicas para mudar a situação do jovem negro na sociedade. A juventude negra ela pede socorro, ela pede ação, ela pede justiça, ela pede apoio, ela pede (pausa) calma, me ajuda, não me julga assim.”*

O exemplo dado pela vlogueira evidencia os resquícios do racismo estrutural no Brasil, bem como no encarceramento⁹ e na banalização da vida de negros e negras, resultando no extermínio da juventude negra. Desse modo, a teoria racista formulada

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jEJUWU9PKrs&t=267s>. Acesso: 27/04/2017

⁹ De acordo com a Carta Capital (2016) 61,6 % dos presos no Brasil são negros. Ver em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/mais-de-60-dos-presos-no-brasil-sao-negros>. Acesso em: 27/04/2017

por Nina Rodrigues fora efetivada, pois negros e negras, são constantemente perseguidos e criminalizados pelo aparato repressivo do Estado. Suas vidas são banalizadas e inferiorizadas pela sociedade como um todo. Em 2013¹⁰, vários veículos noticiaram uma determinação, dirigida ao Comando Geral de Patrulhamento da região de Campinas/SP, que instruía a revista em pessoas “da cor parda e negra” em um bairro nobre da cidade. A estereotipização cometida pela amiga da vlogueira Joyce Show ilustra a falácia de uma democracia racial, defendida por Freyre (1933), pois o estado brasileiro, juntamente com seu aparato legal e penal, sentencia vidas negras sem pagar-lhe a dívida histórica de anos de escravidão e marginalização.

Euclides da Cunha (*apud* Munanga, 1999) discordava da concepção de um tipo de raça nacional e único defendida por Silvio Romero, pois entendia que no Brasil havia uma heterogeneidade das raças. Para Cunha, o mestiço por ser resultado do cruzamento de duas raças distintas, inevitavelmente apresentaria uma hibridez moral extraordinária, não conseguindo apresentar a energia de seus ascendentes negros e o intelecto de seus ascendentes brancos, dito isso, o mestiço é tido como um intruso. Assim, a busca pela identidade nacional encontrava sua barreira nas raças inferiores, bem como no cruzamento das raças, ao gerar mestiços em solo brasileiro.

Ao tempo em que Silvio Romero anseia pelo branqueamento da população brasileira para livrar o país das mazelas das raças inferiores. Euclides da Cunha trata de enaltecer um determinado mestiço, que provém do sertão, resultado do cruzamento de brancos e índios, destinando a eles a esperança de dali florescer uma nova identidade nacional.

A distinção entre o negro e o miscigenado, pode ser observada na leitura de vários autores que analisam e constroem argumentos que os diferenciam e os hierarquizam. O ex-diretor do Museu Nacional João Batista Lacerda (*apud* Munanga, 1999) tratou de diferenciar negros e mestiços sob atributos físicos e intelectuais. Para ele, ainda que os mestiços não possuíssem capacidade de competir com as qualidades natas da raça ariana, ou seja, ainda que estes não fossem superiores a esta raça, os mestiços não poderiam ser igualados as raças que de fato eram inferiores.

A ascensão social dos mestiços em cargos públicos e políticos com a vinda da República tem o objetivo de embranquecê-los, afastando-os de sua identificação com

¹⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/01/23/ordem-da-pm-determina-revista-em-pessoas-da-cor-parda-e-negra-em-bairro-nobre-de-campinas-sp.htm>. Acesso: 27/04/2017

sua descendência negra. Tal diferenciação pode ser observada pela nuance, ou seja, quando mais branqueado e com menos traços negroides, mais “tolerável” esse miscigenado será, fomentando o distanciamento e negação de sua ancestralidade africana. A jornalista Bianca Santana¹¹ em seu livro “Quando me Descobri Negra” (2015), destaca:

Pensei muito e por muito tempo. Não identifiquei nada de africano nos costumes da minha família. Concluí que a ascensão social tinha clareado nossa identidade. Óbvio que somos negros. Se nossa pele não é tão escura, nossos traços e cabelos revelam nossa etnia. Minha mãe, economista, funcionária de uma grande empresa, foi branqueada como os mulatos, que no século XIX passavam pó-de-arroz no rosto porque os clubes não aceitavam negros. (SANTANA, p.13, 2015)

A fala presente em seu livro ilustra a continuidade na prática em branquear negros e negras. Com efeito, todos os negros que alcançaram a ascensão social, passaram a integrar os grupos de convivência com brancos da mesma classe social ou mesmo nível cultural. São aqueles designados popularmente como "negros de alma branca". Porém, Florestan Fernandes em sua obra “O Negro no Mundo dos Brancos” (1972), adverte que ainda que negros ascendam socialmente, estes jamais deixarão de serem negros, seu branqueamento não os protegerá do racismo, pois ainda serão lidos como inferiores aos brancos.

Munanga (1999) apresenta Francisco José de Oliveira Viana, para analisar os elementos presentes nos mestiços e de sua vida no Brasil colonial, que em certos pontos reverbera para nosso Brasil contemporâneo:

Segundo Viana, os mestiços são produtos históricos dos latifúndios e, portanto, uma força nova na história colonial. Neles nota-se a tendência a expungir de si, por todos os meios, os sinais da sua bastardia originária. Mameluco se faz inimigo do índio e o mulato desdenha e evita o negro. Ambos foram utilizados para combater e destruir os quilombos. Mameluco, capitão sanguinário e truculento a serviço dos bandeirantes e o mulato, capitão-do-mato e terrível perseguidor dos escravos foragidos. Essa tentativa do mestiço em ter uma posição específica na sociedade é provisória e ilusória, porque o branco superior, de classe alta, o repele. E como por sua vez ele foge dos negros e índios das classes inferiores, acaba numa situação social indefinida e torna-se um desclassificado permanente na sociedade colonial. (MUNANGA, p.65, 1999)

Munanga sinaliza que a ânsia em ascender sua classificação social renegando suas origens africanas em prol do acolhimento da raça superior é uma armadilha, que se torna recorrente no Brasil contemporâneo. Não assumir sua identidade negra, preferindo

¹¹ Bianca Santana é uma jornalista, escritora e doutoranda em Ciência da Informação na ECA-USP, com o projeto Mulheres negras e redes sociais: apropriação social da informação e construção de identidades.

adaptar-se e camuflar-se com o intento de ser aceito e sobreviver no grupo dos brancos, pode ser entendida como uma escolha perigosa, já que por mais tolerados¹², jamais serão aceitos unanimemente nesse grupo étnico.

Desse modo, tal comportamento retrata a estratégia histórica em dividir e hierarquiza-los, a fim de dismantelar laços de solidariedade entre negros e mestiços, resultando na dificuldade em formar uma identidade coletiva. Sobre tal estratégia, a vlogueira Taya¹³ em seu vídeo intitulado “Colorismo ou Pigmentocracia: EUA & BR” remonta essa questão, ao apresentar Willian Lynch, um proprietário de escravos no Caribe, conhecido por criar uma tática na qual discorre em uma carta formulada em 1712, explicando como conseguia manter seus escravos disciplinados e submissos. Partindo dessa explicação, a vlogueira explica “(...) *Ele fez um formato de controle de escravos, já que os escravos dos outros senhores tavam fugindo, tavam se rebelando. O Lynch, ele já fez um esquema de controle, com que fizesse que os escravos se odiassem e nisso evitavam deles se unirem pra se opor aos senhores escravistas. Então o Lynch ele fez a primeira coisa, o que? Vamos separar os escravos e vamos separar os escravos por idade. Só que logo depois ele pensou numa coisa melhor, separar os escravos por cor ou nuance, porque ele colocando que o escravo mais claro tinha mais aceitação e “privilégios“ do que os escravos mais escuros, os mais escuros iam ter raiva dos escravos mais claros e essa briga ia causar uma desunião, onde que os escravos nunca iam se juntar, iam ser sempre uma minoria pra se opor a isso. E a cá tamos nós, sei lá quantos anos depois, vivendo a mesma coisa aqui no Brasil. Vocês acabaram de ver que um negro claro, que ele deve se considerar pardo, acabou de ser preso por fazer injúrias raciais à cantora Ludmilla. Então Lynch fez isso dar tão certo, que a supremacia branca inteira adotou pra com que os negros até hoje estejam desunidos, e isso deu muito certo como vocês podem ver infelizmente. Então dai que começa toda a pigmentocracia, que começa todo o colorismo.*

¹² A tolerância segundo Florestan Fernandes, não significa aceitar o outro como igual. Sua prática ocorre com o intuito de evitar conflitos abertos e adiar a busca de soluções. Ver Munanga (1999)

¹³ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=xEtXpQOpRM>>. Acesso em: 28 de mar.2017



Imagem 2 - Taya, mulher negra, vlogueira e responsável pelo canal “TAYA”



Imagem 3 - Joyce Show, mulher negra, estudante de Rádio e TV e responsável pelo canal “Joyce Gervaes Show”.

COLORISMO, EMBRANQUECIMENTO E IDENTIDADE

Ao tratar da diferenciação entre os negros e mestiços, Viana especifica dois tipos de mestiços - os mestiços “superiores” e os mestiços “inferiores”- que se caracterizavam por diferentes posições sociais. Os “superiores” por meio do casamento e da posse de terras alcançavam sua ascensão social. Diferentemente dos mestiços “inferiores”, aqueles facilmente reconhecidos, estigmatizados e que conseqüentemente foram privados de uma possível ascensão social. Desse modo, o mestiço que possuía maior ascensão era aquele mais claro e que em seu fenótipo os traços negroides eram menos

presentes e por vezes passíveis de ocultar, hierarquizando-os ao classifica-los como: negros disfarçáveis, negros indisfarçáveis e os visivelmente negros. Avaliando Viana como um dos protagonistas na elaboração do ideal do branqueamento no Brasil, Munanga (1999) explica:

Na nossa interpretação de Viana, todos os mestiços "superiores" e "inferiores", de acordo com sua classificação, são definidos a partir de características físicas aparentes (o fenótipo) do que pelo genótipo. Ou seja, as qualidades morais e intelectuais dos mestiços são definidas por sua aparência física mais ou menos negroide, mais ou menos caucasoide, isto é, a partir de seu grau de arianização. (MUNANGA, p.70, 1999)

Esta diferenciação pode ilustrar o conceito trazido por Alicia Walker¹⁴, o denominado colorismo ou pigmentocracia, que se propõe a entender as relações étnico-raciais no âmbito político, econômico e social, partindo da diferenciação da coloração que imprime tratamentos distintos conforme a tonalidade da pessoa. Assim, quanto mais claro, mais privilégios lhes serão oportunizados e quanto mais escuro mais discriminação e preconceito lhes serão atribuídos.

A vlogueira Sá Ollebar¹⁵ em seu vídeo “Colorismo: Ser Negro” comenta mais sobre o termo e como ele surge “*Colorismo não foi criado para dizer quem é negro ou não. O colorismo é uma teoria de pigmentação que denuncia privilégios dentro de uma negritude já bem resolvida. Principalmente nos Estados Unidos, país de origem da Alice Walker, que foi a primeira a falar sobre isso*”. Ao retratar a diferenciação entre negros de pele mais clara e negros retintos, e o impacto do processo de pigmentocracia na união desse grupo, a vlogueira salienta “*O colorismo só nos afeta nisso? Infelizmente não, por conta dele está sendo criada uma cultura de negação de identidade, onde os negros de pele mais escura estão duvidando da negritude desses negros de pele mais clara e infelizmente esses questionamentos quase, é... eles não são feitos de forma saudável. Essa sensação de injustiça tem feito com que negros de pele clara sejam chamados de afroconvenientes e algumas vezes são rachados por isso. (...) É triste, porque está sendo feito uma separação dentro do movimento, ao invés de ser feito um recorte.*”

A contribuição da fala da Taya sobre a estratégia utilizada pela supremacia branca ajuda a compreender o processo de desunião entre esse grupo, relatado pela

¹⁴ Alice Walker é uma escritora e ativista feminista norte-americana. Recebeu o prêmio Pulitzer, pelo romance “A Cor Púrpura”. Ver no portal Geledes: www.geledes.org.br/hoje-na-historia-9-de-fevereiro-de-1944-nascia-alice-walker/#gs.Zq7fowY. Acesso 29/04/2017.

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fkOh4ZvAnIU&t=6s>. Acesso 29/03/2017

vlogueira Sá Ollebar, visto que essa tática acarreta na segregação de negros e negras, diferenciados pelo conjunto de privilégios. Concomitante aos mecanismos sociais que continuam a inferiorizar e discriminar as etnias africanas e estimulam a negação do pertencimento étnico desse grupo.

Santos (2010) relembra que o processo de desidentificação étnica fora presente desde o sequestro dos escravos e seu embarque nos navios negreiros, bem como na conversão ao catolicismo e a mudança de seus nomes de origem para nomes europeus, a fim de aniquilar sua ligação com sua ancestralidade. Ao tratar do conceito identidade, Stuart Hall em sua obra “Identidade Cultural na Pós-Modernidade” (1992), adverte que não existe identidades sociais estáticas e atemporais, já que a identidade é construída historicamente e socialmente.

Assim, Santos (2010) avalia que a construção da identidade social possui um papel importante na autoproteção, defesa de interesses, reversão da opressão, etc. Assim, as identidades sociais podem ser um instrumento político. A estratégia da supremacia branca em fomentar a não identificação e não pertencimento aos negros e negras de tonalidades mais claras, é essencial na desarticulação dos movimentos sociais negros no combate ao verdadeiro opressor.

A vlogueira Sá Ollebar em seu vídeo “Negro ou Pardo? Identidade Racial (Caio Jout Jout) retrata a importância da auto identificação: *“A Angela Davis em entrevista ao cultin, nos alertou sobre o problema em não nos identificarmos como negros. Malaak Shabazz, filha de Malcom X, também falou sobre isso numa recente visita dela ao Brasil, Malaak disse que enquanto não conseguirmos identificarmos nossa negritude, não saberemos quem é o real opressor.”*

A vlogueira ressalta que não existe um “negrometro”, portanto ela e nem ninguém poderia atuar como “fiscal de cor”, visto que há inúmeras tonalidades de pele e características particulares. Desse modo, a melhor escolha seria dialogar sobre esse tema. De acordo com Ollebar *“No Brasil a identificação racial é feita pelo que vou chamar de três fases. Fase 1: Fenótipo (tom de pele, traços negroides), você não precisa ter todos os traços, mas um ou outro é predominante para você começar a entender sua origem. Fase 2: Descendência: Bom não é fácil buscar nossas origens, ela foi dizimada ao longo dos anos, mas se você descende de negros, isso pode ajudar. Lembrando que se você nasceu branco, sem nenhum traço de negritude, você não deve, não pode utilizar aquele seu parente, para legitimar sua afro-conveniência ou muito menos uma atitude racista. Fase 3: Sociedade. Por último e talvez o mais utilizado é a*

forma como a sociedade te lê e como isso te atinge. Os negros de pele mais escura não costumam ter esse questionamento. Eles são os que mais sofrem racismo e não há maior medidor de negritude do que o racismo, né? Negros de pele clara, muitas vezes não são lidos como negros, ou as vezes até sofrem racismo, mas não conseguem identifica-lo.

Sobre o processo de identificação de negros e negras em meio ao racismo estrutural, aliado a práticas como o embranquecimento e inferiorização étnica, que se perpetuam na sociedade brasileira. Munanga (1999) afirma:

A luta dos movimentos negros brasileiros contemporâneos que enfatiza muito o resgate de sua identidade étnica e a construção de uma sociedade plurirracial e pluricultural na qual o mulato possa solidarizar-se com o negro, em vez de ver suas conquistas drenadas no grupo branco, desmente a ideia de uma identidade mestiça conscientemente consolidada. Sem dúvida, o conceito de pureza racial, que biologicamente nunca existiu em nenhum país do mundo, se aplicaria ainda muito menos a um país tão mestiçado como o Brasil. No entanto, confundir o fato biológico da mestiçagem brasileira (a miscigenação) e o fato transcultural dos povos envolvidos nessa miscigenação com o processo de identificação e de identidade cuja essência é fundamentalmente político-ideológica, é cometer um erro epistemológico notável. Se, do ponto de vista biológico e sociológico, a mestiçagem e a transculturação entre povos que aqui se encontraram é um fato consumado, a identidade é um processo sempre negociado e renegociado, de acordo com os critérios ideológico-políticos e as relações do poder. (MUNANGA, p. 108, 1999)

Ollebar também compreende a identificação como um ato político, em sua fala a mesma ressalta “(...) Não deve ser a sociedade que deve dizer sua etnia, até porque nós vivemos numa sociedade camuflada que está condicionada a nos embranquecer. E você precisa busca-la e se auto afirmar em relação a isso, tendo ciência que este é um ato político.”



Imagem 4 - Sá Ollebar, mulher negra, mãe, formada em recursos humanos e criadora do canal “Preta Pariu”.

Desse modo, os traços negroides são elementos essenciais, já que também carregam a marca da ancestralidade africana nos corpos de negros e negras. Para os negros disfarçáveis, a tonalidade mais clara possibilita o mimetismo¹⁶, prática que tende a esconder seus traços negroides, com o objetivo de serem aceitos no sistema racista vigente na sociedade. Os alisamentos e procedimentos estéticos são exemplos de como negros e negras procuram adaptar-se aos padrões europeus para alcançarem essa falsa aceitação.

Sobre a aceitação e identificação enquanto negra, a vlogueira Rayza Nicácio¹⁷ conta em seu vídeo “Quando me reconheci como negra”, sua experiência e seu processo de auto identificação: *“Eu lembro que na maior parte do tempo na minha vida, eu tentei ser uma pessoa totalmente diferente de mim, e me inspirava em pessoas totalmente opostas de mim. Tive muitos conflitos em relação ao meu cabelo, ao meu tipo de corpo, não a cor da minha pele. Pra eu chegar aos conflitos da cor da minha pele demorou um pouquinho, porque ninguém nunca falava sobre isso comigo, sabe? A cor da minha pele era “aceita” e não era questionada. (...) Ninguém nunca tinha conversado comigo sobre eu ser ou não negra, eu só sabia que eu não era branca e que meu cabelo era crespo. Demorou muito gente, para eu refletir sobre isso e muito mais ainda pra eu ter convicção sobre o que falar e me assumir sim como uma mulher negra de pele clara.”*

Sobre a relação com seu cabelo crespo, a vlogueira conta *“Nunca foi fácil assistir aos comerciais de televisão e aos grandes aparelhos incríveis e revolucionários que “resolveriam” a rebeldia do meu cabelo e não ficar constrangida, ainda mais se tivesse gente por perto, sabe? Assistia televisão ai tava passando um comercial assim ‘resolva seu cabelo’ e era exatamente o meu cabelo que eles tavam tentando resolver. Você já passou por isso? Deixe aqui nos comentários se você já passou por isso ou se você entende do que eu estou falando.”*

¹⁶ Mimetismo é um conceito próprio da biologia, que se caracteriza pela tentativa de se assemelhar de forma física ou comportamental, com outra espécie, com o objetivo de se proteger de seus predadores. Ver em: <http://www.todabiologia.com/zoologia/mimetismo.htm>. Acesso: 29/04/2017.

¹⁷ Nicácio, Rayza. Quando me reconheci como negra. **Youtube**, 19 jan.2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zZGxGWUz0vY&t=193s>>. Acesso 27 mar.2017



Imagem 5 - Rayza Nicácio, mulher negra, vlogueira e responsável pelo canal “Rayza Nicácio”.

É perceptível a influência das grandes mídias e da indústria cultural como um todo na reprodução do racismo, bem como no auxílio ao processo de embranquecimento de negros e negras. O que Nicácio relata é a vivência de inúmeras negras e negros, socialmente pressionados a se padronizarem nos moldes europeus, resultando na dificuldade da auto identificação e pertencimento étnico. Para ela, como para tantos negros de tonalidades mais clara, se reconhecer, bem como ter convicção de se identificar enquanto negra, fora um processo que ocorrera paulatinamente, visto a pressão social em nos embranquecer constantemente.

Desse modo, ao fim de sua segunda fala, a youtuber convida seus telespectadores a contarem se também já passaram por situações parecidas. Esse espaço não pode ser ignorado, pois vale lembrar que anos atrás, esses temas eram completamente invisibilizados por essa estratégia política já mencionada no texto. O acesso aos conteúdos dessas e de várias (os) vlogueiras (os) visibiliza temáticas historicamente ignoradas, bem como oportuniza a comunidade negra um espaço para discutirem e retratarem suas vivências e celebrarem sua ancestralidade africana.

INTERAÇÃO ENTRE VLOGUEIRAS E SEU PÚBLICO

A interação entre as vlogueiras e seu público ocorre por meio de um espaço destinado aos espectadores, com o intuito de que possam se expressar através de comentários. Estes ficam arquivados abaixo do vídeo, possibilitando que o criador do

vídeo e outros usuários possam visualizar. É possível também curtir tais comentários, bem como respondê-los. Assim, os comentários se tornam um grande objeto de análise, pois evidência como o público que está recebendo determinado conteúdo reage ao mesmo. Nesse sentido, separamos um comentário de cada vídeo previamente escolhido, totalizando assim cinco comentários analisados. Todos os comentários têm o nome e a imagem de seus autores apagadas, reservando o direito de imagem aos mesmos.

4 meses atrás

amiga, a questão não é como você se declara, mas entender seu local social. Um pardo é e sempre será um híbrido que vai se encaixar na étnia negra, mas como foi dito, um negro de pele clara. Tudo são termos, seu local social não muda.

👍 15 🗨️ RESPONDER

Imagem 6 - Comentário retirado do vídeo intitulado “Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra” da vlogueira Nataly Neri.

1 ano atrás

Perai que caiu uma lágrima aqui...Ah manooooow, vc é muito maravilhosa Joyce. A juventude negra, realmente é um tema delicado mas que precisa ser falado! Fui "assaltada" por uma moradora de rua, foi tudo muito rápido...ela bateu na minha cara na tentativa de tirar óculos de sol que eu estava usando, na hora fiquei sem reação e não vi de onde veio nem pra onde foi. O tapa doeu muito, me deixou com pequenos machucados mas sabe o que mais doeu? Saber que ela era negra e estava em uma situação de fragilidade, e o pior? Ouvir das pessoas que ela merecia apanhar e não era digna de dó da minha parte. Algumas pessoas não sabem como machuca ver seu semelhante em uma situação como aquela, não se colocam no lugar do outro e ainda julgam sua falta de oportunidades(pq, né Brasil, julgar é mais gostoso --)...dói e dói demais! Quando acontece algo assim, eu só consigo pensar em uma coisa, na real uma música "(...)a carne mais barata do mercado é a carne negra..."

Ainda bem que vc continuou com os vídeos(estou em maratona aleatória hahahaha) e estarei sempre aqui!! Beijoooooss <3

Mostrar menos

👍 🗨️ RESPONDER

Imagem 7 - Comentário retirado do vídeo intitulado “Juventude negra: desespero”

2 anos atrás

O problema do colorismo é que as pessoas que se aceitam como negras, porém de pele clara / parda / morena e enfim, não são pretas o suficiente para conviver com negros e não são brancas o suficiente para conviver tranquilamente nos espaços de brancos... Isso é péssimo!

Mas claro, reconheço essa questão de que negros de pele escura sofrem mais racismo e ausência de privilégios que os negros de pele clara. Infelizmente!

Uma vez um amigo meu branco me perguntou se já sofri racismo na vida, foi então que reconheci que as chacotas e olhares tortos nunca podem ser comparados a outras formas de discriminação e aí fiquei tentando entender o porquê isso acontecia. Bingo! Colorismo!

Mas gostaria de entender o que a afroconveniência se refere? Beijos e espero o próximo vídeo.

Mostrar menos

👍 11 🗨️ RESPONDER

Imagem 8 – Comentário retirado do vídeo intitulado “Colorismo: ser negro” da vlogueira Sá Ollebar.

1 semana atrás

VENCI A TRANSIÇÃO GRAÇAS AS SUAS DICAS MULHER, GOSTARIA MUITO Q VC ASSISTISSE O VIDEO DO MEU #BIGCHOP ACABEI DE POSTAR LÁ NO CANAL, ME DIZ O QUE ACHOU!?

👍 1 🗨️ RESPONDER

Imagem 9 – Comentário retirado do vídeo intitulado “Quando me reconheci como negra” da vlogueira Rayza Nicácio.

2 anos atrás

Menina, esse é o primeiro vídeo do seu canal que vejo e já me inscrevi. A maneira com que vc fala é perfeita! O didatismo, os exemplos, me fez entender mais sobre o assunto.

E sobre a afroconveniência, eu conheço uma loira de olhos verdes que pediu isenção na taxa de inscrição de um concurso público alegando ser "parda".

👍 1 🗨️ RESPONDER

Imagem 10 – Comentário retirado do vídeo intitulado “Colorismo ou Pigmentocracia: EUA & BR” da vlogueiras Taya.

Os comentários escolhidos comprovam que os usuários desse recente veículo de comunicação se fazem presentes, comentando, debatendo e relatando sobre suas experiências e suas concepções sobre os conteúdos distribuídos através dos vídeos publicados pelas cinco vlogueiras. Nestes comentários, é visível que o público está se apropriando das temáticas e conseguindo dialogar com os conteúdos, travando debates sobre resistência, bem como trazendo até mesmo discussões sobre conceitos e discussões antes encontrados apenas em espaços mais delimitados, como a própria academia, alcançando a leitura de diversos usuários, bem como fomentando diálogos e construções de saberes.

Como exemplo, podemos analisar a fala de uma das usuárias na décima imagem, a mesma elogia o didatismo da vlogueira Taya ao retratar o colorismo no Brasil e nos Estados Unidos, demonstrando suas diferenciações. Desse modo, por meio desse veículo, atores sociais conseguem atingir diversas pessoas através da rede, espalhando debates antes invisibilizadas pelas grandes mídias, possibilitando um espaço democrático para que os usuários possam debater, dialogar e trocar saberes.

É interessante se atentar também a proximidade que este veículo proporciona até mesmo com as próprias vlogueiras. Se atentando a nona imagem, uma inscrita do canal da Rayza Nicácio relata que teve forças para iniciar sua transição capilar através da ajuda dos vídeos publicados pela vlogueira, revelando uma dimensão que vai para além do ciberespaço, influenciando também nas práticas sociais e decisões de seus espectadores. Este é um dos vários comentários que retratam a força desses conteúdos ao atingirem milhares de negros e negras, os estimulando a amar sua ancestralidade, valorizar sua estética e apreciar seus traços negroides.

Portanto é de suma importância nos atentar a esse novo veículo de comunicação que vem gerando mudanças através da atuação de diversas vlogueiras e vlogueiros. Um espaço que vem ganhando maior notoriedade e alcançando grupos que antes eram privados apenas a mídia convencional. Obviamente o acesso a esses conteúdos,

principalmente o acesso dos grupos oprimidos devem ser questionada e discutida, mas é inegável que o mesmo já está se tornando uma ferramenta para tencionar lutas e reconhecermos nossos principais opressores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com o processo de miscigenação, colorismo, identidade e o processo de embranquecimento, é particularmente um desafio para mim, enquanto mulher negra de pele mais clara. Muita das falas das vlogueiras, bem como as contribuições teóricas presentes no artigo, retratam minha vivência e meu processo de identificação étnica. Desse modo, compreender os impactos da miscigenação e sua relação com a exploração sexual da mulher negra, analisar como se dá o processo de embranquecimento, alinhado ao sistema pigmentocrático que tem por objetivo desarticular os laços entre negros e negras de todas as tonalidades, é de suma importância para que consigamos nós organizar e combater o real opressor.

A academia proporciona um bom espaço para tais discussões, visto a gama de intelectuais que se dispõe a estudar e assim visibilizar/denunciar as amarras históricas invisibilizadas no racismo estrutural por meio do mito da democracia racial, ainda presente no Brasil. Porém, concomitante a essas e esses teóricos acadêmicos, surge por meio de um novo veículo digital, *youtubers* que utilizam essas novas mídias a fim de proporcionar discussões acerca de temáticas historicamente ignoradas. Elaborando conteúdos que resgatam a ancestralidade africana, oportunizando espaços para a interação com seus “inscritos”, viabilizando um espaço para depoimentos e debates sobre essas e outras diversas temáticas. Para além do seu conteúdo, as vlogueiras carregam consigo elementos que evidenciam seus traços negroides, bem como resgatam elementos simbólicos. No artigo, há *prints* dos vídeos analisados a fim de demonstrar como a questão da estética está estritamente ligada ao processo de apropriação simbólica daquilo que fora retirado dessas vlogueiras, enquanto mulheres negras. O uso de turbantes, dreadlocks, piercing no nariz e o cabelo crespo, representam essa apropriação, como um símbolo de resistência e pertencimento étnico.

Dessa forma, reverbera por meio desse novo instrumento digital, a resistência de negros e negras, ao denunciarem o colorismo, o embranquecimento e o racismo estrutural presente em nosso país, alcançando milhares, se não milhões de pessoas pelo Brasil e pelo mundo por meio da Era da Informação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985
- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global Editora, 1972
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**, 50ª edição. Global Editora. 2005
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. 140 p.
- NERI, Nátaly. Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra, **Youtube**, 01 fev.2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=DGGaLz_NYDo > Acesso em: 28 mar.2017
- NICÁCIO, Rayza. Quando me reconheci como negra. **Youtube**, 19 jan.2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zZGxGWUz0vY&t=193s>>. Acesso 27 mar.2017
- OLLEBAR, Sá. Colorismo: ser negro. **Youtube**, 03 jan.2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fkOh4ZvAnIU&t=6s>>. Acesso 29 mar.2017
- POLIVANOV, BEATRIZ. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*. São Paulo. 61-71 p. 2013
- SANTANA, Bianca. Quando me descobri negra. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2015. 96 p.
- SANTOS, Marcio André dos. Negritudes Posicionadas: as muitas formas da identidade negra no Brasil. **Revista Perspectiva Sociológica**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p.70-80, abr. 2010
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1970-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 285 p.
- SHOW, Joyce. Juventude negra: desespero. **Youtube**, 23 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jEJUWU9PKrs&t=1s>> Acesso em: 28 mar.2017
- TAYA. Colorismo ou Pigmentocracia: EUA & BR. **Youtube**, 27 mai.2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xEtxXPqOpRM>> Acesso em: 28 mar.2017